

Enquadramentos noticiosos da Gripe Pneumónica na imprensa portuguesa: os casos dos jornais *O Comércio do Porto*, *O Algarve* e da revista *Ilustração Portuguesa*

*Pneumonic Influenza news in the Portuguese
press: the cases of the newspapers O Comércio
do Porto, O Algarve and the magazine
Ilustração Portuguesa*

Helena Lima

CITCEM/ Faculdade de Letras da Universidade
do Porto
hllima@letras.up.pt
ORCID ID: [0000-0003-3023-6412](https://orcid.org/0000-0003-3023-6412)

Jorge Pedro Sousa

Universidade Fernando Pessoa
e ICNOVA — Instituto de Comunicação da NOVA
jpsousa@ufp.edu.pt
ORCID ID: [0000-0003-0814-6779](https://orcid.org/0000-0003-0814-6779)

Resumo: As pandemias são temas de grande relevância noticiosa, dado o impacto que causam na vida das pessoas. O medo, mortalidade, medidas sanitárias e resposta médica são temas que estão presentes nas notícias sobre a crise epidémica atual. Estas perceções fizeram também parte da enfermidade de 1918-1919. Os dados sobre a Gripe Espanhola apontam para uma mortalidade estimada de entre 50 a 100 milhões de pessoas. Em Portugal, a doença ficou mais conhecida como Gripe Pneumónica ou simplesmente a Pneumónica. atingiu o país em três grandes vagas, começando em maio de 1918, e terminando em 1919. O pico terá sido em outubro de 1918, sendo os números relativos à mortalidade estimados, variando de um cálculo inicial de cerca de 59 mil mortos, e posteriormente recalculado em valores que podem ir até 135 mil vítimas. O estudo das publicações semanárias *Ilustração Portuguesa* e *O Algarve* e do diário *O Comércio do Porto* vai de outubro de 1918 a janeiro de 1919, correspondendo ao pico da pandemia. Através de uma análise quantitativa e de conteúdo, procuramos identificar e interpretar os procedimentos noticiosos usados pelas diferentes publicações na cobertura da gripe pneumónica. Os formatos jornalísticos como género, destaque e valor-notícia fazem parte da metodologia utilizada e são complementados pela identificação de elementos discursivos-padrão, que produzem enquadramentos interpretativos por parte dos leitores.

Palavras-chave: gripe pneumónica; pandemia; imprensa; cobertura jornalística; elementos discursivos.

Abstract: *Pandemics are topics of great newsworthiness, given the impact they have on people's lives. Fear, mortality, health measures and medical response are subjects present in the news agenda in the current epidemic crisis. These perceptions were also part of the 1918-1919 disease. Data on the Spanish Flu point to an estimated mortality of between 50 and 100 million people. In Portugal, the disease became better known as Pneumonic Flu or simply Pneumonic and it hit the country in three major waves, starting in May 1918, and ending in 1919. The peak was in October 1918, with mortality figures estimated, ranging from an initial number of around 59,000 dead, and later recalculated in amounts that can reach up to 135 thousand victims. This study tackles the weekly publications *Ilustração Portuguesa* and *O Algarve* and the daily *O Comércio do Porto*, from October 1918 to January 1919, corresponding to the peak of the pandemic. Through a quantitative and content analysis, we seek to identify and interpret the news procedures used by these different publications to cover the Pneumonic Flu. The methodological approach considers the categorizations given by journalistic formats such as genre, prominence and newsvalue, complemented by the identification of standard discursive elements, which produce interpretive frameworks on the part of readers.*

Keywords: *pneumonic flu; pandemic; press; news coverage; discursive elements.*

A gripe pneumónica de 1918-1919

No contexto atual motivado pela Covid-19, tem frequentemente sido usado como referencial a última grande pandemia vivida pela humanidade, a influenza pandémica que conhecida por diversas designações sendo a mais usada a de Gripe Espanhola. Contudo, e em Portugal, foi apelidada de influenza pneumónica ou simplesmente a pneumónica (Sobral & Lima, 2018). A nível mundial e no contexto nacional, o impacto da doença foi de uma violência extrema, na medida que provocou altos índices de mortalidade, de 50 a 100 milhões de pessoas (Sobral & Lima, 2018). Com números muito variáveis de acordo com as regiões, para as populações europeias acredita-se que a mortalidade foi de 11 para 1000 habitantes, embora os países do Sul tenham sido os mais atingidos (Nunes *et al.*, 2018). É também sabido que a pneumónica afetou, ao contrário da Covid-19, populações mais jovens e entre os 20 e 40

anos, embora um dos jornais apresentados neste estudo alargue o intervalo até aos 50 anos.

Apesar das origens da doença não serem consensuais, a entrada da influenza pneumónica em Portugal terá sido justamente através de Espanha e identificada em maio de 1918, estando ligada ao movimento sazonal dos trabalhadores agrícolas do Alentejo, que iam trabalhar para a Extremadura. Segundo Sequeira (2001, p. 52) este primeiro surto foi o mais breve, com valores de mortalidade 6,6 para 100.000 habitantes. Foi debelado em junho, mas no final do verão surgiram novos casos, desta vez a norte, em Vila Nova de Gaia, segundo o mesmo autor. A segunda vaga que foi em crescendo sobretudo nos meses de outubro e novembro, provocou muitas baixas e afetou zonas rurais, mas também as cidades (Nunes *et al.*, 2018). resultou em números de mortalidade estimados, variando de um cálculo inicial de cerca de 59 mil mortos, e posteriormente recalculado em valores que podem chegar a cerca de 135 mil vítimas (Almeida, 2014, p. 699). A terceira fase da pandemia deu-se na primavera de 1919, mas com efeitos menos nefastos.

Altamente infecciosa, a influenza, nas palavras de Ricardo Jorge, atingiu níveis de contaminação até então desconhecidos: “A contagiosidade da influenza é a máxima conhecida; contágio directo inter-humano e tam forte e tam subtil que confere à infecção a sua característica de altíssima epidemicidade, por nenhuma sequer aproximada.” (Jorge, 1918, p. 11).

A vaga epidémica de 1918-1919 coincidiu com acontecimentos nacionais e internacionais que também ocuparam o espaço informativo, uma vez que o mundo se encontrava mergulhado num conflito bélico, a Grande Guerra de 1914-1918. Portugal, que se posicionou como país neutro inicialmente, acabou por participar nas diversas frentes de batalha com custos em termos de baixas, mas que provocaram também grande escassez de alimentos e produtos.

Outra característica dominante da agenda noticiosa portuguesa deste período é a instabilidade governativa. O governo sidonista ou da República Nova foi marcado por grande contestação e movimentos insurrecionais, que estão presentes nas páginas da imprensa da época. Como é sabido, esse clima de rebelião atingiu o ponto culminante com o assassinato do Presidente da República, Sidónio Pais, a 14 de dezembro de 1918, em Lisboa.

A epidemia como valor-notícia: caminhos metodológicos

A imprensa portuguesa do século XIX e no período seguinte teve uma prática de cobertura noticiosa de várias situações de crise de saúde pública como a cólera de (1853-1856; 1865), a peste bubónica em (1899), que resultaram em grande mortalidade e que tenderam a ser tratadas pelas notícias desde um ponto de vista higienista (Almeida, 2014, p. 693). O tratamento noticioso da pandemia de 1918-1919 é uma sequência desta prática por parte dos jornais nacionais. Através da análise de três publicações, *Ilustração Portuguesa*, *Algarve* e *O Comércio do Porto*, entre outubro de 1918 e janeiro de 1919, procurar-se entender como estas publicações

noticiaram este acontecimento repleto de dramatismo e com forte impacto na opinião pública da época, bem como os enquadramentos noticiosos detetados, no sentido em que estes produzem mapas de significado (Goffman, 1974). Neste período, a matéria noticiável era abundante e diversos temas tinham relevância para a agenda, pelo que o tema da epidemia teve de competir com outras notícias no agendamento. Outro facto que deve ser destacado em termos de contexto é que, para além do quadro de crise, em particular depois da entrada na guerra, a imprensa teve ainda de se submeter ao novo quadro legislativo censório.

No campo noticioso, e globalmente, a epidemia pode entendida como valor notícia, na medida em que ela se enquadra no campo dos acontecimentos dramáticos que constituem a essência da história jornalística (Golding & Elliott, 1988). Contudo, num período em que a pandemia disputava o espaço informativo com as crises da política nacional e a Grande Guerra, não será fácil entender os processos de seleção de notícia, por parte da imprensa portuguesa.

A pandemia de 1918 teve um impacto social, que aos olhos atuais parece evidente: grande mortalidade, alto índice de contaminação, meios insuficientes para combater a doença devem ter sido entendidos pela população e pela opinião pública como um momento de extraordinária dificuldade. Segundo Sequeira (2001, p. 52), quando a gripe fustigou as grandes cidades, as pessoas foram confrontadas com síndrome de dificuldade respiratória, colapsos e morte súbita nas ruas, o que gerou o pânico. Num cenário de crise de saúde pública extrema, os jornais tendem a disseminar informação atualizada e abundante para que o público possa estar melhor defendido, sendo que as narrativas jornalísticas, e neste caso, a imprensa da época, produziu elementos interpretativos (Goffman, 1974). que foram determinantes para aforam como os leitores adquiriram perceções sobre a epidemia. A rápida difusão de informação sobre a doença garante uma melhor preparação por parte da opinião pública, riscos e comportamentos preventivos a adotar (Smith *et al.*, 2012), sendo esta prática particularmente evidente em casos de doença epidémica. Para Adelman e Verbrugge (2004), os jornais têm uma estratégia de cobertura que se liga aos momentos da doença: emergência, maturidade e declínio, sendo que a tendência de cobertura incide sobre mortalidade, incidência e prevalência. A influenza pandémica de 1918 enquadra-se nestes dois modelos de cobertura, quer pela intenção na prevenção, quer pelo próprio processo noticioso e as vagas ou picos informativos que o constituíram.

O estudo das três publicações parte de uma metodologia que tem em conta esta diferença temporal. É feita uma quantificação e categorização das notícias publicadas, tendo em consideração as características editoriais específicas, dado a *Ilustração Portuguesa* ser uma revista ilustrada semanal, o *Algarve* um jornal local também semanal e *O Comércio do Porto* um diário da cidade do Porto generalista. A amostra é recolhida entre os meses de outubro de 1918 a janeiro de 1919, cobrindo o período da segunda vaga.

Ao longo do período sob análise, de outubro a janeiro de 1919, nas dezassete revistas publicadas, a *Ilustração Portuguesa*¹ inseriu onze referências à epidemia da gripe pneumónica, todas em outubro e em dezembro de 1918, a maioria das quais em obituários. Não foi, no entanto, publicada, no mesmo período, qualquer matéria especificamente devotada à gripe pneumónica. Surpreende, nomeadamente, que num tempo em que a *reportagem* já era um género jornalístico comum, não surjam quaisquer reportagens sobre a gripe pneumónica que grassava no País nos dezassete números analisados.

Este dado é, na verdade, tão significativo quanto seria ter-se encontrado um número abundante de peças sobre a epidemia. Revela que, apesar elevada mortalidade que a doença provocava, este tema não entrou no círculo de atenção da revista ou, se entrou, por algum motivo não foi assídua e relevantemente coberto. Ora, o tema tem um elevado valor como notícia, pela negatividade, pela proximidade da ameaça, pela morte e pela doença em si, e ainda pelo impacto social e pela tangibilidade e significado inequívoco do acontecimento.

A doença tinha, efetivamente, um tremendo impacto social, devido ao elevado número de pessoas atingidas, direta ou indiretamente², pela pandemia, ao absentismo que gerava, à pressão que provocava sobre os incipientes serviços de saúde e aos efeitos sobre a economia, já depauperada pela Grande Guerra. Se não foram publicadas mais matérias com referência à pandemia, que hipóteses podem ser colocadas para justificar a relativa ausência do assunto na *Ilustração Portuguesa* ao longo do período definido para análise — coincidente com a segunda vaga da doença, a mais mortífera?

Uma hipótese é que tenha havido censura, ou indicações por parte do poder³, para não se desse realce ao tema, mas noutros periódicos, como em *A Capital* ou no regionalista *O Algarve*, também estudados, há um número significativo de referências e peças completas, o que parece invalidar esta hipótese.

Outra possível explicação poderá estar no perfil editorial da *Ilustração Portuguesa*. A IP era uma revista ilustrada, aberta, por definição, à informação iconográfica, designadamente ao fotojornalismo. A revista valorizava essa informação. Ora, o perfil editorial de uma

1 A revista semanal *Ilustração Portuguesa*, a segunda que, na história, surgiu, em Portugal, com esse título, nasceu, a 9 de novembro de 1903, no seio da empresa do jornal *O Século*, um periódico político-noticioso republicano que se converteu num diário de informação geral, competindo diretamente com o mais institucional *Diário de Notícias* pela liderança da informação diária em Portugal, predominantemente na capital, Lisboa. Em 1918, a revista ia na sua segunda série, cuja publicação se iniciou, provavelmente, a 26 de fevereiro de 1906. As dimensões de cada número de 32 páginas da *Ilustração Portuguesa* rondavam, nesta segunda série, cerca de 18 x 28 cm. Vendia-se por 15 centavos, o que equivaleria, hoje em dia, a cerca de 5 euros. Era formalmente dirigida pelo proprietário do grupo do jornal *O Século*, José Joaquim da Silva Graça, mas tinha por editor o jornalista José Joubert Chaves.

2 Caso, por exemplo, das muitas crianças que ficaram órfãs.

3 No período estudado, Portugal viveu a reta final do Sidonismo. Sidónio Pais foi assassinado a 14 de dezembro de 1918, mas o seu regime perdurou sem ele durante algum tempo.

publicação interfere na noticiabilidade, isto é, na seleção do que tem valor como notícia. Portanto, mesmo que, potencialmente, a epidemia de gripe pneumónica fosse um tema noticiável, terá sido pouco noticiado pela *Ilustração Portuguesa* porque, eventualmente, não havia fotografias sobre o assunto, ou as que havia não possuíam valor gráfico e noticioso, sobretudo, quando, por comparação, havia outros temas iconograficamente apelativos e para cuja cobertura havia fotografias.

Efetivamente, folheando a revista, observa-se que outros temas conquistaram as suas páginas nos números analisados, e para todos — ou quase — havia fotografias, algumas das quais impactantes: o final da Grande Guerra, o aniversário da República Nova, os funerais do Presidente Sidónio Pais, o pós-guerra e o regresso das forças combatentes e dos prisioneiros de guerra ao País; a grave questão das “subsistências”, isto é, do abastecimento de géneros e regulação dos seus preços pelo regime e o assistencialismo social; as sempre presentes notícias de sociedade, incluindo-se as atividades desportivas das elites; as notícias sobre outros acontecimentos; o documentarismo fotográfico de Portugal e dos portugueses e das colónias; as romarias, que continuavam a ter lugar por todo o território nacional; os teatros e exposições, etc. Este conjunto multifacetado de temas que foram objeto de cobertura pela *Ilustração Portuguesa* aponta, aliás, para a ideia de que apesar da pandemia, da guerra, da violência política, da carestia de vida e da falta de géneros alimentícios, a vida ia seguindo positivamente o seu curso com uma certa normalidade.

Uma terceira hipótese radica na periodicidade da revista. A *Ilustração Portuguesa* foi uma revista semanal. Se o tema da gripe pneumónica já era explorado nos diários, os responsáveis editoriais da revista poderão ter concluído que haveria outros temas — já referidos — aos quais dar atenção.

Considerando os géneros jornalísticos, as onze referências (média de 0,64 por número) à gripe pneumónica estão presentes nas seguintes tipologias de peças:

1. Obituários: 5 referências (46%);
2. Crónicas da atualidade: 3 referências (27%);
3. Fotolegendas: 2 referências (18%);
4. Elogio noticioso: 1 referência (9%).

Os obituários são, por definição, os textos de evocação dos mortos e nos quais estes parecem adquirir imortalidade simbólica. O destaque que lhes é dado reflete, normalmente, a posição e papel social dos falecidos. Os obituários das personalidades de elite e das figuras públicas tendem a ser mais extensos.

Um número abundante de obituários foi publicado na *Ilustração Portuguesa* entre outubro de 1918 e janeiro de 1919, uns mais extensos, quando o falecido tinha, por algum motivo, alcançado uma posição social destacada, outros quase reduzidos a uma pequena foto e

à menção do nome. A causa da morte dos sujeitos desaparecidos raramente é referida. Não é, pois, possível saber quantos dos obituários se referem a mortos pela gripe pneumónica. No entanto, o choque provocado pela elevada mortalidade gerada pela pandemia justifica a menção precisa desta causa de morte em cinco dos casos.

Alvaro Cabral.—Sucumbiu no Porto aos estragos da pneumónica, o popularíssimo ator Alvaro Cabral, que ali estava como ensaiador e diretor de cena da companhia Luiz Ruas, no teatro Nacional.

Trabalhou em quasi todos os teatros do paiz e do Brazil, nos quaes teve noites de verdadeira gloria e como escritor deu-nos bellissimas revistas que causaram sucesso pelo seu bom humor e acerada critica.

A sua morte foi muito sentida, especialmente em Lisboa, onde era estimadissimo.



O ator Alvaro Cabral

Figura 1

Obituário do ator Álvaro Cabral.

Fonte: *Ilustração Portuguesa*, 11 de novembro de 1918, p. 597.

Causou a mais dolorosa impressão a noticia de haver falecido em Cezimbra o sr. dr. Antonio A. de Araujo Esmoriz, abalisado facultativo municipal e sub-delegado de saude d'aquela concelho e capitão medico miliciano do distrito de recrutamento n.º 16. Viti-mou-o a «gripe-pneumonica» no cumprimento do seu dever. Como a epidemia grassasse ali com a maior intensidade e estivesse tam-bem doente o outro medico da vila, continou exercendo, com particu-lar dedicação, a sua nobilissima



O sr. dr. Antonio Anibal de Araujo Esmoriz.

profissão. caindo pouco depois como um heroe profissional, viti-ma da sua abnegação. O extinto, que foi professor no liceu da Po-voa de Varzim, era tambem um grande cultor de musica, tendo deixado varias composições sacras e profanas, que são deveras apre-ciadas. O seu funeral constituiu uma sentida homenagem á sua me-moria. A sua familia, e em espe-cial a seu irmão, o sr. dr. José N. A. Esmoriz, correspondente do *Se-culo* em Braga, apresenta a *Ilustra-ção Portuguesa* sinceros pesames.

Figura 2

Obituário do capitão médico António Esmoriz.

Fonte: *Ilustração Portuguesa*, 11 de novembro de 1918, p. 597.

Figura 3
Obituário de Maria Isabel de Arriaga,
neta do Presidente Manuel de
Arriaga. Fonte: *Ilustração Portuguesa*,
23 de dezembro de 1918, p. 514.



Figura 4
Outros obituários. Fonte: *Ilustração Portuguesa*, 21 de outubro de 1918, p. 337, e 28 de outubro de 1918, p. 337.

O que nos revelam os obituários? Primeiro, registam, elogiosamente, as *qualidades* dos defuntos — que não parece terem tido defeitos em vida. Um funcionário do *Século*, jornal cuja empresa editava a *Ilustração Portuguesa*, era “zeloso”. Tratando-se de um funcionário da casa-mãe, a revista noticiou, brevemente, a sua morte. Um ator era “popularíssimo”, bem-humorado e viveu “noites de glória” no palco. Uma senhora é referida por ser a neta do Presidente Manuel de Arriaga. Num mundo desigual e dominado por homens, no obituário de Maria Isabel de Arriaga é patente a desqualificação com que os homens olhavam para as mulheres. A jovem defunta mais não era do que esposa “estremecida” de um homem, neta de outro homem, e as suas qualidades eram aquelas que os homens apreciavam — reunia “acrisolados atributos de espírito e coração”.

O obituário mais interessante diz respeito ao médico António Esmoriz. Nele é celebrado o homem e o clínico que cuidando dos seus pacientes infetados com a pandemia contraiu a doença e foi por esta vitimado. Foi, como a revista qualifica, um “herói profissional”. É também celebrada a medicina, “nobilíssima profissão”. As pessoas precisam de modelos, personagens inspiradoras, em suma, de heróis. A cultura enaltece a figura mitológica do herói, o ser abnegado que dá a vida pelos concidadãos. Pode fazer-se um paralelismo com o que sucede hoje em dia com o combate à epidemia de Covid 19. Os profissionais de saúde são hoje “heróis” como o médico António Esmoriz foi “herói” ao fazer aquilo que, na verdade, se espera de um médico — cuidar dos pacientes. Na verdade, estranho seria que o médico se furtasse ao seu papel social e se negasse a tratar os doentes.

Os obituários são, por outro lado, objetivos nas referências à epidemia. Designam-na por “gripe pneumónica”, “epidemia broco-pneumónica”, “pneumónica” e simplesmente “epidemia”. Num único caso a doença merece adjetivação qualificativa — “terrível”. Noutro caso, referem-se os “estragos” provocados pela doença. Os lamentos por causa dos mortos provocados pela doença foram, pois, poucos na *Ilustração Portuguesa*.

A *Ilustração Portuguesa* publicava, em quase todos os números, uma crónica da atualidade semanal, ao tempo assinada por Acácio de Paiva⁴. Tratava-se de uma crónica por entradas. Em cada entrada abordava-se um tema. Nas nove crónicas publicadas durante o período analisado, nas quais foram abordados 35 assuntos, a pandemia foi referida somente em três ocasiões (8,6%). A 21 de outubro, a pneumónica foi invocada num apontamento do cronista sobre o medo da gripe, centrado num *fait divers*; a 2 de dezembro, foi referida noutro apontamento por comparação com uma epidemia de varíola que também assolava Lisboa; a 9 de dezembro, a referência à doença é contingencial e destina-se a confirmar publicamente o recebimento de fotografias (publicadas posteriormente na *Ilustração Portuguesa*) que atestavam a atividade dos escuteiros no socorro aos doentes, qualificada como arriscada e, por isso, heroica.

4 Jornalista, escritor e poeta, licenciado em farmácia, nasceu em Leiria, em 1863, e falece em Ourém, em 1944.

Medo

Dá-se com a atual epidemia o que sempre se tem dado em casos analogos, agora com o agravamento de se confessar a impotencia medica contra o mal, como se a medicina tivesse sido alguma vez mais do que um simples auxiliar da natureza: o medo con-



corre em grande parte para o alastramento da doença, parece que enfraquecendo os organismos e privando-os assim dos meios de resistencia, fenomeno de facil observação e que não demanda conhecimentos científicos especiaes para o seu conhecimento, embora os atacados pelo susto o não revelem, por natural covardia ou até por ignorancia d'um estado que n'eles é normal.

Ha excções, isto é, ha medrosos que teem a coragem de confessar essa inferioridade e por consequencia o seu fraco valor como elemento social? Ha; sabemos de um facto, a proposito, que tem seu geito de anedota e que apontamos como exemplo de precaução levada ao maximo.

A aldeia onde costumamos procurar a indispensavel compensação de um ano de trabalho não foi poupada pela grippe pneumonica, sendo poucas as familias que não sotreram a desagradavel visita. Espa-

inou-se, como era natural, a preocupação, bem justificada pela falta de recursos medicos e farmaceuticos e avivada frequentemente pelo dobre melancolico dos sinos e pelo canto impressivo do Bemdito, a acompanhar o Viatico, chegando essa preocupação a transformar-se em pavor nos espiritos timidos, entre os quais se conta o de certo comerciante que aos primeiros rebates se meteu na cama, sem o minimo sintoma de ter sido acometido pela enfermidade. Visítamo-lo, inquirimos e respondeu-nos com a maior franqueza que o que tinha era medo.

—Todas as cautelas são poucas, declarou-nos. E como n'aquelle momento um boletineiro lhe batesse á porta e dissesse que era portador d'um telegrama, perguntou ancioso:

—Sabe de onde foi expedido?

—Da Azambuja, respondeu o homem.

—Da Azambuja, onde a epidemia tem morto tanta gente? Não recebo!

E não recebeu.

Figura 5

Apontamento de crónica com referências à pneumónica. Fonte: *Ilustração Portuguesa*, 21 de outubro de 1918, p. 321.

Variola

Emfim, a noticia que na mesma gazeta se lia a seguir á do armistício, não era menos animadora: a epidemia da influenza pneumonica podia considerar-se extinta em Lisboa e tal novidade compensava de sobejo as contrariedades do trajéto, prensados e milagrosamente salvos, graças á exiguidade da nossa espessura. Voltavamos á normalidade e aos braços das pessoas amigas, uma das quais os abria afétuosamente ao aparmo-nos, ao mesmo tempo que avisava:



— Não me apertes muito, porque fui hoje vacinada.

Vieram as explicações. Nova epidemia assolava a capital, a da variola, como em breve pudemos observar, de efeitos menos funestos do que a anterior mas particularmente arreliadora, porque a inocencia que lhe comunicam as cautelas preventivas não supre o delicioso estremecimento da carne que afagavamos a cada instante e que a lanceta feriu miseravelmente...

Figura 6

Apontamento de crónica com referências à pneumónica. Fonte: *Ilustração Portuguesa*, 2 de dezembro de 1918, p. 441.

Escoteiros

Timidamente, um escoteiro que pertence aos grupos liceais de Lisboa, o sr. Diniz Curson, cedeu-nos algumas fotografias que representam aqueles benemeritos rapazes operando, durante a epidemia da gripe pneumonica, em atos dos mais arriscados. Acompanharam e transportaram doentes, assistiram-lhes, socorreram-nos em transees difficilimos, gastaram a saude, e tudo isso com a simplicidade que foge a toda a ostentação, serena e heroicamente.



As fotografias a seu tempo serão publicadas, como documentação dum periodo que se foi de luto tambem o foi de sacrificios, a atestar a fortaleza de corações moços, formados na pratica do bem, constituindo de futuro a invencivel muralha contra a qual se hão-de despedaçar todas as malquerenças que a pretendam abalar e que até agora só teem criado forças pela inercia que se lhes opõe. E' animador o quadro dos pequenos obreiros da bondade, cujo brio atenua um pouco os erros dos homens de hoje, porque, emfim, são nossos filhos...

Figura 7

Apontamento de crónica com referências à pneumónica. Fonte: *Ilustração Portuguesa*, 9 de dezembro de 1918, p. 461.

Ora, oficialmente, mais de 60 mil pessoas morreram em Portugal vítimas da pneumónica⁵ (cerca de 1% da população), num tempo em que o País teria cerca de seis milhões de habitantes, segundo os censos de 1920⁶. Há que reconhecer que no meio de uma atualidade tumultuosa, pontuada pelo final de uma guerra mundial, pelo assassinato de um Presidente da República e pela crise geral, a revista — conforme pontuam as crónicas — não deu grande atenção à pandemia, mesmo no pico da mortalidade causada pela doença, possivelmente por uma ou mais das razões hipotéticas já invocadas. Também poderá ter ocorrido uma *naturalização da morte*, devido à Grande Guerra; ou poderá, igualmente, dar-se o caso de a morte e a doença, mais presentes no quotidiano do que hoje em dia, serem encaradas com mais naturalidade do que atualmente.

As crónicas são vocabularmente mais ricas e livres do que os obituários nas referências à pandemia. Além das referências objetivas à “epidemia da gripe pneumónica”, “influenza pneumónica”, “gripe pneumónica”, “enfermidade” e “doença”, a pandemia também é subjetivamente designada por “mal”, “susto” e mesmo “desagradável visita”. Num dos apontamentos do cronista é desvelado cruamente que a pandemia provocou o “luto” e exigiu “sacrifícios”.

Revelam igualmente as crónicas, com o seu contorno vivo e humano, como as pessoas reagiram à pandemia da pneumónica. Umas, arrojadamente, e talvez com certa inconsciência, procuraram socorrer os doentes, como o fizeram certos jovens escuteiros, mesmo que nisso “gastassem a saúde”. Outras isolaram-se em casa. Outras ainda manifestaram comportamentos irracionais, como o sujeito que se recusou a receber um telegrama de uma localidade muito afetada pela pandemia. Deixaram de se dar abraços, como “cautela preventiva” (ou seja, as pessoas entenderam que deviam manter distância física para evitarem contágios). Para celebrar o Armistício e o fim da I Guerra Mundial, alguns abraços foram, contudo, ensaiados em Lisboa, mas apenas porque se julgava, equivocadamente, que a pneumónica tinha passado. Havia uma nova epidemia na capital, de varíola, mas para esta havia vacina, ainda que a inoculação fosse desconfortável.

As palavras do cronista sobre as atividades escutistas de socorro às vítimas da pandemia revelam, por outro lado, alguns factos interessantes.

Desde logo, no que diz respeito à produção da revista, documenta o apontamento cronístico que certas pessoas (no caso, o escuteiro Diniz Curson⁷) mandavam livre espontaneamente notícias e fotografias para a *Ilustração Portuguesa*, já que a sua publicação poderia significar reconhecimento público, não só de si, mas também das suas causas, ideias e ações.

5 <https://dn.pt/portugal/a-epidemia-que-veio-de-espanha-e-matou-mais-de-60-mil-portugueses-9195035.html>

6 https://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=censos_historia_pt_1920. O censo revela outros dados relevantes, nomeadamente que houve mais mortes do que nascimentos em 1918, o ano em que a gripe pneumónica provocou maior mortalidade em Portugal.

7 Uma pesquisa na Web indicia que se tornou um funcionário aduaneiro de relevo.

Havia uma espécie de *jornalismo participativo* na fabricação da informação, pontuado, no entanto, pelo *interesse*. Ou seja, inversamente às palavras do cronista, quem, por sua livre iniciativa, enviava notícias e fotografias à imprensa buscava, certamente, os benefícios da exposição pública.

Por outro lado, o texto, do ponto de vista noticioso, informa que alguns escuteiros tentaram socorrer as vítimas da pandemia, mas também relembra, indiretamente, as dificuldades que o escutismo atravessou para se afirmar durante a I República, já que teve de enfrentar e vencer “malquerenças” diversas. O cronista revela-se, contra os adversários do escutismo, um entusiástico apoiante do movimento escutista e um homem reconhecido aos escuteiros, “beneméritos rapazes”, “corações moços, formados na prática do bem”, “pequenos obreiros da bondade”, que “acompanharam e transportaram doentes, assistiram-lhes, socorreram-nos em transes difíceis, gastaram a saúde”, “serena e heroicamente”, com “brio”, mas fugindo “a toda a ostentação”.

As duas fotolegendas em que a epidemia é referida (figuras 7 e 8) pouco adicionam ao conhecimento da pandemia, da sua evolução em Portugal, das histórias de quem a viveu e enfrentou. Ambas são retratos coletivos protocolares e ambas foram publicadas na mesma data — 23 de dezembro de 1918. A primeira destina-se a registar — e celebrar — a visita do provedor da Misericórdia de Sintra a um hospital provisório para a gripe pneumónica. Revela, indiretamente, que foram instalados hospitais de campanha em Portugal para dar socorro aos doentes da pneumónica. A segunda regista uma homenagem portuguesa a marinheiros franceses vítimas da pandemia quando o seu navio estava em Lisboa. Relembra que a doença não escolhia nacionalidades,



Figura 8

Visita do provedor da Misericórdia a um hospital de campanha para a pneumónica. Fonte: *Ilustração Portuguesa*, 23 de dezembro de 1918, p. 516. Créditos: Anselmo Franco (fotografia).



Figura 9

Homenagem institucional portuguesa a marinheiros franceses vitimados pela pneumónica.

Fonte: *Ilustração Portuguesa*, 23 de dezembro de 1918, p. 516. Créditos: Anselmo Franco (fotografia).

O realce dado às fotolegendas, que ocupavam, cada uma, meia página, acompanha um dos nossos raciocínios — as matérias mais passíveis de serem publicadas na IP eram as que, escoltadas por iconografia alusiva, possuíam valor como *notícias gráficas*.

A última peça (figura 9), que se poderia classificar como um “elogio noticioso”, dá continuidade a um assunto já evocado numa das crónicas de Acácio de Paiva para a *Ilustração Portuguesa* — as atividades escutistas do Grupo do Liceu Camões, em Lisboa, no apoio às vítimas da pneumónica.

A matéria em causa, além do interesse noticioso motivado pela positividade, surpresa, proximidade e novidade do acontecimento, obedece, também, a certos valores-noticiosos contextuais, como sejam a disponibilidade do material noticioso e a visualidade, já que foram providenciadas à revista *Ilustração Portuguesa*, uma *revista ilustrada*, fotografias que, documentando, testemunhando e atestando o acontecimento, lhe emprestam *veracidade simbólica*.

A peça regista que os escuteiros do grupo do liceu Camões, em Lisboa, auxiliaram na instalação de um hospital de campanha nas instalações do estabelecimento de ensino para os doentes de pneumónica e prestaram outros serviços auxiliares. A sua atuação pode ter sido



Figura 10

Elogio noticioso às atividades escutistas de socorro às vítimas da pneumónica.

Fonte: *Ilustração Portuguesa*, 2 de dezembro de 1918, p. 515.

vista como imprudente, já que os jovens não dispunham de adequado equipamento de proteção e já se sabia que a pneumónica se tratava de uma doença infetocontagiosa. Para alguns escuteiros, foi mesmo fatal (um deles surge, ainda vivo, numa das fotos), conforme se revela no texto. Não se entende, vista a notícia pelo prisma do tempo atual, como os dirigentes escutistas e as autoridades permitiram que os escuteiros fizessem o que fizeram, colocando — o que se comprovou — a sua vida em risco. No entanto, o redator classificou a ação escutista como “o cumprimento de um dever humanitário e cívico”, que exalta. E classifica os escuteiros como “intrépidos rapazes”, conotando-os, nacionalística e racialmente, como “dignos representantes da nossa raça, que parece ir revivendo (...) suas grandes virtudes”. Nesta passagem intui-se, aliás, em pleno Sidonismo, a presença do mito perene da necessidade de regeneração de Portugal, para que o País recuperasse a grandeza do passado. Mas também a pulsão nacionalista que, sendo relevante durante o consulado de Sidónio Pais, haveria de ser igualmente relevante para futura a aceitação da Ditadura Nacional e do Estado Novo.

O Algarve

Fundado em 1908, o semanário regional *O Algarve: Semanário Independente* publicou 17 números — não ilustrados, exceto nos anúncios — de duas páginas⁸ de grande formato (52 x 37 cm) entre outubro de 1918 e janeiro de 1919. O jornal tinha sede em Faro e o seu diretor e editor foi o jornalista e empresário algarvio Luís Mascarenhas. Saía aos domingos. Vendia-se por assinatura. 70 centavos, equivalentes a cerca de 14 euros na atualidade, permitiam assinar o jornal por seis meses. Considerando cerca de 24 números editados por semestre, cada número ficaria, a preços de hoje, por cerca de 60 cêntimos de euro. Tratava-se de um semanário generalista que publicava notícias sobre acontecimentos do país e do mundo, ainda que, maioritariamente, as matérias se referissem ao que sucedia na região.

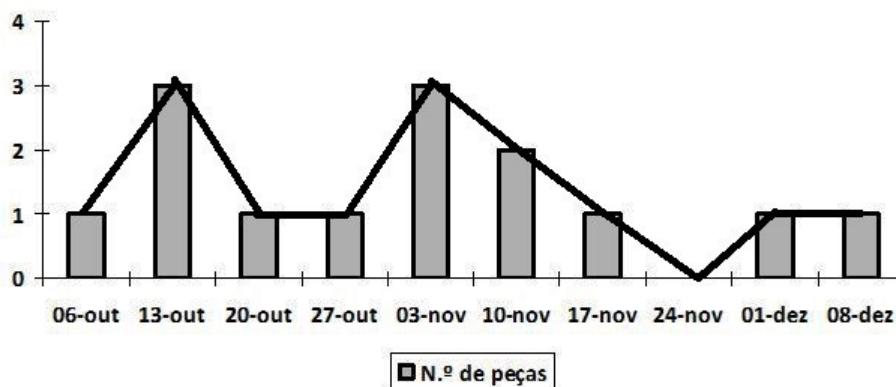


Figura 11
Primeira página de *O Algarve* de 6 de outubro de 1918. Fonte: reprodução do original.

⁸ O número de 22 de dezembro de 1918 teve, excepcionalmente, quatro páginas, por causa da ampla cobertura do assassinato do Presidente Sidónio Pais.

Ao longo desses 17 números, o jornal inseriu 14 peças (média de 0,82 peças por número) que têm a pandemia de gripe pneumónica como tema central (cf. gráfico 1 e tabela 1), quase sempre na primeira página, sinal da importância que o assunto mereceu⁹, entre o início de outubro e o início de dezembro.

Gráfico 1
Peças por número.



Fonte: elaboração própria.

Observa-se no gráfico 1 que a maioria das peças foi publicada entre 13 de outubro e 10 de novembro de 1918 (10 das 14 peças, ou seja, 71%), salientando-se as edições dos dias 13 de outubro e 3 de novembro, em que foram publicadas três peças, número considerável atendendo a que se tratava de um jornal de duas páginas que, além do mais, tinha cerca de um quarto ou mais do espaço ocupado por anúncios publicitários, certamente uma fonte de receitas importante para o periódico. Não se publicaram peças que tenham tido a gripe pneumónica por tema central nem a 24 de novembro nem depois do dia 8 de dezembro. Essa situação terá ocorrido por dois motivos: primeiro, a atenuação da pandemia, quer em número de novos casos, quer de óbitos, a partir de dezembro; e em segundo lugar, a substituição da atenção noticiosa sobre a gripe pneumónica por dois novos assuntos noticiosamente “quentes”: o assassinato de Sidónio Pais e a instabilidade que se lhe seguiu, sendo de realçar as intentonas monárquicas de janeiro de 1919.

A teoria do agendamento aponta para a possibilidade de os assuntos se sucederem na agenda mediática por intervalos de tempo, consoante a atenção que lhes é devotada e serem, ou não, temas em desenvolvimento. Em *O Algarve*, confirma-se essa hipótese. Após meados

⁹ Há também referências a mortes causadas pela gripe pneumónica na necrologia, que não foram incluídas no *corpus*.

de novembro de 1918, os temas mais noticiáveis da morte do Presidente da República e da instabilidade político-militar substituíram a gripe pneumónica nas atenções dos portugueses e, por arrasto, dos jornais.

Efetivamente, quer a gripe pneumónica, quer o assassinato do Presidente Sidónio Pais e a instabilidade que se lhe seguiu, que incluiu uma grande sublevação monárquica que culminou no fugaz episódio da restauração da Monarquia no Porto (Monarquia do Norte), possuíam qualidades que os tornaram acontecimentos notáveis e, portanto, igualmente noticiáveis, sendo assim mais fácil entender porque os mais recentes (assassinato do Presidente e sublevações monárquicas) substituíram o mais antigo (gripe pneumónica) como principais assuntos cobertos pela imprensa. Todos os temas referidos, efetivamente, têm elevado valor como notícias, já que agregam a negatividade, a proximidade, a morte, a surpresa, o impacto social, a tangibilidade e a clareza do sucedido. Mas os novos temas emprestaram novidade ao noticiário, o que também é um valor-notícia, já que a atenção ao que é novo permite ao público coevo sintonizar-se com a marcha do tempo e com um horizonte sincrético de atualidade.

Tabela 1

Peças sobre a gripe pneumónica inseridas em *O Algarve* entre outubro de 1918 e janeiro de 1919.

| Data | Peça |
|-----------------------|--|
| 6 de outubro de 1918 | A influenza pneumónica — Instruções da Direção Geral de Saúde (p. 1) Cópia das instruções da DGS, emitida pelo diretor-geral Dr. Ricardo Jorge. |
| 13 de outubro de 1918 | Pneumonias gripais (p. 1) Notícias diversas sobre a epidemia pneumónica, incluindo uma referência à discussão médica sobre o diagnóstico da doença, resumo da situação em Faro, proibição da feira mensal e dos espetáculos de cinema e teatro nesta cidade, notícia moralista sobre um juiz que queria ausentar-se do seu posto, notícia de um decreto proibindo a exportação de medicamentos, notícia do início de inspeções sanitárias pelo subdelegado de saúde, referência à permanência no Algarve de famílias de Lisboa que não regressaram à capital por causa do agravamento da pandemia nesta cidade. |
| 13 de outubro de 1918 | São Brás de Alportel (p. 2) Notícia de correspondente referindo que a pandemia grassa em São Brás de Alportel e não são tomadas medidas adequadas. |
| 13 de outubro de 1918 | Gazetilha parodiando um tal de Eugénio Augusto Afonso, dono de uma leitaria, que propagava a profilaxia da gripe pneumónica pelo consumo de vinho espumoso. |
| 20 de outubro de 1918 | Saúde pública — A gripe broncopneumónica (p. 1) Notícias diversas sobre a gripe pneumónica e resumo da situação epidémica no Algarve. Referência à abertura obrigatória das farmácias entre as 8 e as 23 horas (até à 1 hora quando em serviço noturno), mas com funcionários para atenderem quem as procure durante a noite. |
| 27 de outubro de 1918 | Saúde pública — A gripe broncopneumónica (p. 1) Notícias diversas sobre a gripe pneumónica. Resumo da situação da epidemia de gripe pneumónica no Algarve. |
| 3 de novembro de 1918 | Gripe epidémica (p. 1) Crónica sobre a gripe pneumónica. Resumo da situação e considerações sobre a doença, seu diagnóstico, distinção em relação a outras doenças, designadamente à gripe vulgar, sua profilaxia e tratamento. |
| 3 de novembro de 1918 | A influenza pneumónica — Socorro aos doentes (p. 1) Notícia. Iniciativa da igreja para colocar grupos de mulheres a socorrerem os doentes. |

| | |
|------------------------|--|
| 3 de novembro de 1918 | Praia da Rocha (p. 2) Notícia com o elenco dos mortos pela gripe pneumónica, antecedido por entrada sobre a epidemia. |
| 10 de novembro de 1918 | A crise (p. 1) Comentário. Descrição geral da situação vivida, misturando a questão das subsistências e a fome com o problema da gripe pneumónica. |
| 10 de novembro de 1918 | A influenza pneumónica — Socorros aos doentes (p. 1) Notícia. Ação das <i>Senhoras da Caridade</i> , grupo de mulheres ligado à Igreja Católica, no apoio às vítimas da pneumónica. |
| 17 de novembro de 1918 | A influenza pneumónica — Socorros aos doentes (p. 1) Notícias diversas sobre o recrudescimento da epidemia, do encerramento do hospital provisório e de uma reunião com o fim de reunir apoios para o socorro aos doentes e outras vítimas. |
| 1 de dezembro de 1918 | Gripe epidémica (p. 1) Crónica sobre a gripe pneumónica. Descrição geral da situação. Debate sobre se a gripe pneumónica seria curável. Descrição de tratamentos e situação em clínica de Faro. |
| 8 de dezembro de 1918 | Atualidades (p. 1) Crónica sobre a gripe pneumónica. Crítica sobre tratamentos caseiros da doença. Considerações gerais sobre tratamento e cura da gripe pneumónica e sobre a medicina algarvia e a ação dos médicos. Apelo à vacinação contra a varíola. |

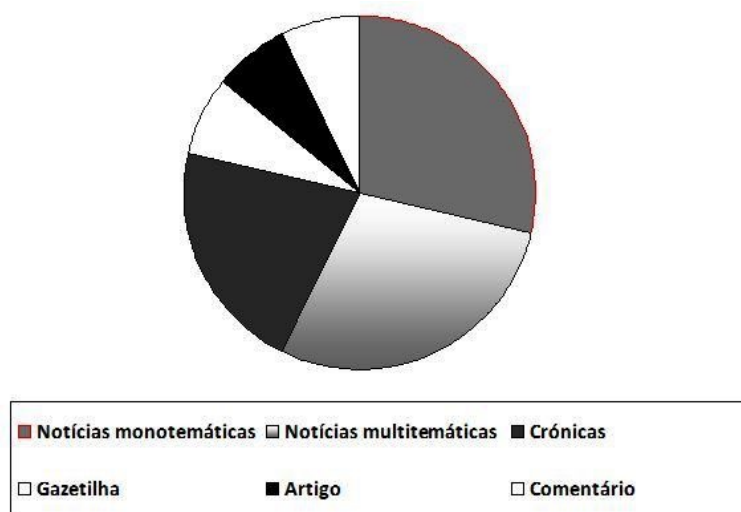
Fonte: elaboração própria.

Das peças referidas na tabela 1, as notícias (oito, 57,2%), das quais quatro monotemáticas (28,6%) e quatro multitemáticas (28,6%), sobrepõem-se às crónicas (três, 21,5%). Há uma gazetilha, um género jornalístico muito em voga no final do século XIX e inícios do século XX, consistindo num poema breve e irónico, com uma intenção crítica e moralizadora (7,1%). Há, ainda, um artigo (7,1%), já que se considerou um artigo, ou seja, um texto relativamente indiferenciado sobre um assunto, a transcrição das instruções da Direção-Geral de Saúde. E um comentário (7,1%), peça não assinada, portanto da responsabilidade da direção editorial do jornal, em que se comenta informação de atualidade, sendo, necessariamente, interpretativa e opinativa, misturando, por conseguinte, objetividade na apresentação da informação e subjetividade no julgamento noticioso e na apreciação e avaliação dos temas.

Gráfico 2

Géneros das peças (em percentagem).

Fonte: elaboração própria.



Consideraram-se notícias os enunciados jornalísticos monotemáticos ou multitemáticos que, nos números analisados de *O Algarve*, relatam, predominantemente, factos notáveis e recentes, no caso sobre a gripe pneumónica, normalmente com objetividade, ou seja, com o predomínio do objeto noticioso, a materialidade concreta e singular, sobre o sujeito narrador.

Consideraram-se crónicas, mesmo quando possuíam conteúdos noticiosos diversificados, mas esparsos, os enunciados jornalísticos que, nos números analisados de *O Algarve*, tiveram por objetivo, periodicamente, resumir a situação epidémica sob o olhar subjetivo, interpretativo e mesmo opinativo do cronista. As crónicas atualizavam a informação noticiosa (que também possuem) e, ao mesmo tempo, situavam a doença, indicavam medidas profiláticas, sugeriam conselhos terapêuticos, e tranquilizavam, em certos casos, as pessoas (cf. tabela 3). As crónicas elogiavam, também, os médicos e a medicina local e justificavam os valores (possivelmente tidos como elevados) das consultas e tratamentos (cf. tabela 3).

As crónicas foram assinadas pelos médicos Jaime Pereira de Almeida e José Filipe Alves. Os cronistas eram vozes autorizadas, especialistas, que elevavam a qualidade informativa do jornal sobre a doença e complementavam as notícias sobre a pandemia, certificando, com uma espécie de aval, a informação publicada e providenciando a discussão médica da doença, conselhos profiláticos e terapêuticos, etc. Terão sido, por hipótese, uma iniciativa editorial do jornal, para aumentar a sua qualidade.

A colaboração médica com *O Algarve* redundava, ademais, num interesse adicional para o leitor e, por consequência, era também um apelo à compra do jornal, em banca ou por assinatura.

O facto dos cronistas de *O Algarve* serem médicos justifica, por outro lado, o recurso maioritário a formas objetivas de se referir a doença no periódico, conforme se nota na tabela 2.

O predomínio das notícias explica-se por estas serem a resposta à questão central do jornalismo: o que há de novo? O facto de algumas peças noticiosas serem multitemáticas, ao contrário do que é habitual hoje em dia, resultará da periodicidade semanal e da exiguidade do espaço do jornal (duas páginas para informação e publicidade). Esses dois constrangimentos exigiriam a junção de informações diversas, eventualmente recolhidas junto de várias fontes, como os correspondentes, em peças únicas, que as resumissem. Algumas crónicas (cf. tabela 1), aliás, seguem a mesma tática, possivelmente pelos mesmos motivos. As três crónicas têm, efetivamente, uma vertente informativa, onde se sumariam vários factos notáveis, nem sempre especificamente acontecimentos, mas as informações são apresentadas ao leitor pelo prisma da subjetividade apreciativa e avaliadora do cronista.

As formas de referência à pandemia são mencionadas na tabela 2. Mostra a tabela, como já se referiu, uma clara tendência para designar objetivamente a doença, raramente se empregando sinónimos de alta carga conotativa, como “flagelo”, “mal”, ou adjetivos, como “terível”, para caracterizar a doença. Há, curiosamente, uma designação mista, empregue duas vezes: “mal” como sinónimo metafórico de doença, acrescentado do adjetivo caracterizador

“terrível”, para reforçar o sentido: “terrível mal”. Há ainda duas referências geográficas: a “Espanhola”; e “doença que o país invade de sul a norte”, esta com uma sonoridade quase poética, usada para dar um efeito estético, além do informativo, ao texto verbal. E ainda uma forma de referência à doença que, além do pendor estético que possui (o estilo estava presente na mente do enunciador), parece reforçar o adágio popular “um mal nunca vem só”: “mal extraordinário que atrás da guerra tanta morte causa”.

Excertos de textos particularmente dadores de significado à epidemia, enquadrando o assunto, referem-se na tabela 3.

Tabela 2

Formas de referenciar a pandemia de gripe pneumónica.

| Data | Peça | Formas de referenciação |
|------------------------|--|--|
| 6 de outubro de 1918 | A influenza pneumónica — Instruções da Direção Geral de Saúde (p. 1) | Influenza pneumónica, casos epidémicos de influenza pneumónica, mal, flagelo. |
| 13 de outubro de 1918 | Pneumonias gripais (p. 1) | Onda epidémica, “a Espanhola”, epidemia, febre, influenza, epidemia gripal, formas pneumónicas, pneumonias gripais, mal, broncopneumonia, doença, gripe pneumónica, pneumonia. |
| 13 de outubro de 1918 | São Brás de Alportel (p. 2) | Epidemia de gripe pneumónica, terrível doença, mal. |
| 13 de outubro de 1918 | Gazetilha | Doença que o país invade de sul a norte; doença dominante; doença. |
| 20 de outubro de 1918 | Saúde pública — A gripe broncopneumónica (p. 1) | Gripe broncopneumónica; epidemia; epidemia da gripe pneumónica. |
| 27 de outubro de 1918 | Saúde pública — A gripe broncopneumónica (p. 1) | Gripe broncopneumónica; epidemia; terrível mal. |
| 3 de novembro de 1918 | Gripe epidémica (p. 1) | Gripe epidémica; epidemia; doença. |
| 3 de novembro de 1918 | A influenza pneumónica — Socorro aos doentes (p. 1) | Terrível mal; influenza pneumónica. |
| 3 de novembro de 1918 | Praia da Rocha (p. 2) | Epidemia; mal extraordinário que atrás da guerra tanta morte causa. |
| 10 de novembro de 1918 | A crise (p. 1) | Doença; gripe pneumónica. |
| 10 de novembro de 1918 | A influenza pneumónica — Socorros aos doentes (p. 1) | Influenza pneumónica; gripe pneumónica. |
| 17 de novembro de 1918 | A influenza pneumónica — Socorros aos doentes (p. 1) | Influenza pneumónica; mal. |
| 1 de dezembro de 1918 | Gripe epidémica (p. 1) | Gripe epidémica com forma pneumónica; gripe pneumónica; pneumónica; epidemia; doença. |
| 8 de dezembro de 1918 | Atualidades (p. 1) | Gripe pneumónica. |

Fonte: elaboração própria.

Tabela 3

Sequências discursivas de enquadramento da pandemia de gripe pneumónica (exemplos).

| Data | Peça | Sequências discursivas de enquadramento |
|-----------------------|--|---|
| 6 de outubro de 1918 | A influenza pneumónica — Instruções da Direção Geral de Saúde (p. 1) | “Não dispõe ainda a ciência de profilaxia específica ou especial contra contágio tão difusivo, mas subsistem as normas da higiene moral — a beneficiação e a desinfecção. (...) O isolamento está indicado sobretudo nas formas pulmonares. Evitem-se (...) aglomerações e contactos. Como profilaxia individual, (...) gargarejos mentolados ou salgados.” |
| 6 de outubro de 1918 | A influenza pneumónica — Instruções da Direção Geral de Saúde (p. 1) | A migração militar e a migração agrícola têm concorrido para a disseminação do mal. |
| 6 de outubro de 1918 | A influenza pneumónica — Instruções da Direção Geral de Saúde (p. 1) | Para os casos graves (...) está indicada a hospitalização, que satisfaz a dupla indicação do tratamento e do isolamento. É a arma mais eficaz (...) para a atenuação do flagelo. |
| 13 de outubro de 1918 | Pneumonias gripais (p. 1) | A onda epidémica que em junho rolou de Espanha para Portugal, que o povo intitulou “a Espanhola”, foi relativamente benigna, posto que houvesse alguns casos fatais. |
| 13 de outubro de 1918 | Pneumonias gripais (p. 1) | [Clínicos eram da opinião de que se tratava de] febre de três dias (...) [e outros de opinião de que se tratava de] influenza. |
| 13 de outubro de 1918 | Pneumonias gripais (p. 1) | De agosto para cá nova onda rola sobre o país (...), uma epidemia secundária (...) com lesões pulmonares de relativa malignidade. (...) Esta doença hoje assola quase toda a Europa (...), começa pelos quartéis e só depois ataca os civis. O mal ataca de preferência gente nova e alguns casos fatais da pneumonia têm alarmado a população (...). |
| 13 de outubro de 1918 | Pneumonias gripais (p. 1) | Parece-nos que as feiras devem ser proibidas, mas os animatógrafos não. Ao animatógrafo só vai gente da localidade (...), quem quer, enquanto para uma feira (...) vai (...) quem pelos seus afazeres tem de passar pelos sítios (...). |
| 13 de outubro de 1918 | Pneumonias gripais (p. 1) | Quanto ao tratamento (...): cama, suadores, cloridrato de quinina (...), antipirina (...), vinho de quina (...), tintura de kola (...). |
| 13 de outubro de 1918 | Pneumonias gripais (p. 1) | Em Faro, até hoje, ainda não se registou nenhum caso de broncopneumonia. Nos quartéis (...) tem havido casos de simples gripe (...) com carácter benigno (...). Para debelar esta doença, a medicina aconselha (...) desinfecções [e] inalações com eucalipto e benjoim. |
| 13 de outubro de 1918 | Pneumonias gripais (p. 1) | Um juiz de direito telegrafou ao Sr. Secretário de Estado da Justiça pedindo autorização para se ausentar temporariamente do seu posto, visto grassar intensamente a gripe pneumónica na sede da comarca. Parece que a resposta foi que deixava à consciência do magistrado a resolução a tomar, por isso que, quando exerceu a magistratura na Índia por ocasião das mais graves epidemias nunca abandonou o seu lugar. |
| 13 de outubro de 1918 | São Brás de Alportel (p. 2) | Lavra com grande intensidade (...) a epidemia de gripe pneumónica, tendo causado em poucos dias algumas vítimas. Anda toda a gente alarmada (...), pois não se veem (...) medidas no sentido de atenuar os efeitos da terrível doença (...). As ruas estão sujas, estrumeiras e pocilgas (...) contam-se pelo número das casas, sendo isto mais do que suficiente para que o mal progrida. Isolamentos não se fazem. Morre um pneumónico e a casa enche-se de curiosos. Hospital para isolamento também não há (...). O que não podemos é continuar neste criminoso abandono esperando de quem competir as mais urgentes providências. Não basta algum cloreto nas valetas. |
| 13 de outubro de 1918 | Gazetilha (p. 2) | Com a doença que o país invade de sul a norte (...). |
| 20 de outubro de 1918 | Acontecimentos (p. 1) | Estamos na máxima travessia de uma epidemia que nos sobressalta, apavora os espíritos e nos seus casos rápidos de doentes vitimados deixa as famílias em luto e as maiores angústias. |

| | | |
|------------------------|---|--|
| 20 de outubro de 1918 | Saúde pública — A gripe broncopneumónica (p. 1) | <p>A gripe pneumónica atacou rapidamente a província (...). Loulé e S. Brás de Alportel são as terras da nossa província onde maior número de óbitos se tem registado. Em Faro alguns casos se têm dado (...). Por iniciativa do (...) governador civil houve (...) uma reunião (...) a que concorreram as pessoas de mais categoria da cidade e ali se trataram várias providências para o combate da epidemia e hospitalização dos enfermos (...). Nalgumas terras da província se têm feito reuniões com o mesmo fim. A falta de pessoal (...) obriga-nos a deixar para o próximo número a publicação das várias comissões (...).</p> <p>Enquanto durar a epidemia, (...) as farmácias deverão estar abertas (...). A gravidade desta doença é grande e tem vitimado milhares de pessoas no país. (...) A limpeza das casas e o saneamento de todos os recintos (...) deve ser a preocupação de todos (...). Cada cidadão é um fiscal e um executante da higiene. (...) A Câmara Municipal e a Comissão Sanitária (...) tratarão do saneamento da cidade (...).</p> |
| 27 de outubro de 1918 | Saúde pública — A gripe broncopneumónica (p. 1) | <p>A gripe broncopneumónica (...) tem (...) decrescido (...), havendo nas farmácias menos concorrência.</p> <p>Escreve-nos um nosso assinante estranhando que as ruas da cidade não sejam regadas amiúde (...) com água salgada (...).</p> <p>Também um nosso leitor lamenta que os bairros habitados por gente pobre não sejam diariamente desinfetados (...).</p> <p>A corporação de Bombeiros Voluntários (...) resolveu humanitariamente auxiliar a combater o terrível mal (...) que tantas vítimas (...) tem causado.</p> <p>O Sr. governador civil proibiu a romaria aos cemitérios (...).</p> <p>Por falta de pessoal, devido à epidemia, foram encerrados apeadeiros (...) e (...) os serviços de correios e telégrafos (...) têm corrido com certa morosidade.</p> |
| 3 de novembro de 1918 | Gripe epidémica (p. 1) | <p>A gripe epidémica não é (...) a gripe vulgar. (...) Os casos (...) em Faro (...), nenhum foi fatal, pelo que (...) a epidemia nesta cidade é relativamente benigna. Os casos fatais que tem havido nesta cidade atribuímos nós ou à falta de assistência médica ou ao descuido dos doentes ou ainda à falta de alimentação. (...) Relativamente ao tratamento, é unânime o acordo sobre a não existência de qualquer tratamento específico, empregando todos tratamento sintomático. (...) A gripe ataca de preferência os adolescentes e os adultos novos (...).</p> |
| 3 de novembro de 1918 | A influenza pneumónica — Socorro aos doentes (p. 1) | <p>Continua a decrescer nesta cidade a influenza pneumónica, sendo de maior benignidade os casos novos. Nos campos (...) o terrível mal continua a fazer muitas vítimas. Devido à iniciativa do (...) prelado desta diocese (...), realizou-se em Faro uma reunião das Senhoras da Caridade [para] (...) alargarem (...) a sua ação durante a pandemia.</p> |
| 3 de novembro de 1918 | Praia da Rocha (p. 2) | <p>Triste final de temporada da Rocha (...). É certo que a epidemia não faz assento exclusivo nesta praia (...), este mal extraordinário que atrás da guerra tanta morte causa (...) em Portugal levou cerca de 25 mil pessoas (...).</p> |
| 10 de novembro de 1918 | A crise (p. 1) | <p>A fome faz mais vítimas do que a doença.</p> <p>Os médicos (...) têm aguentado (...) um serviço pesadíssimo. (...)</p> <p>Há lares quase extintos por completo e a orfandade é grande.</p> <p>E não há em dias sucessivos um pão (...).</p> <p>Nos cemitérios, os mortos empilham-se (...).</p> <p>O pavor não pode ser maior.</p> <p>O Algarve em nada foi poupado e nas famílias algarvias, em todas as classes, há falta de pessoas.</p> <p>Nem os mais categorizados (...) têm sido poupados.</p> <p>O trabalho acha-se paralisado (...).</p> <p>No mar (...) faltam braços para a faina (...).</p> <p>Tudo muito reduzido e com a redução produtiva, a carestia (...).</p> <p>E no meio desta confusão e depauperamento é um tumultuar de declinação de responsabilidades (...).</p> <p>Os lutos da guerra são muito benignos perante os lutos da gripe pneumónica.</p> |

| | | |
|------------------------|--|---|
| 10 de novembro de 1918 | A influenza pneumónica — Socorros aos doentes (p. 1) | Continua decrescendo nesta cidade a epidemia de gripe pneumónica. Poucos são os casos registados e menos os de óbito. Têm continuado a desenvolver a sua ação (...) as oito comissões de senhoras que tomaram a seu cargo a assistência aos epidemiados (...). |
| 17 de novembro de 1918 | A influenza pneumónica — Socorros aos doentes (p. 1) | Depois da rápida destruição que fez na população (...), parece ter amansado e tende a desaparecer com a mesma velocidade rápida da sua incursão. O hospital provisório (...) já encerrou. |
| 1 de dezembro de 1918 | Gripe epidémica (p. 1) | A gripe epidémica com forma pneumónica não tem, no Algarve, a gravidade que se lhe atribui, curando-se quase todos desde que sejam tratados a tempo e convenientemente; e dizemos quase todos porque é muito possível que alguns tenham falecido, não obstante serem bem tratados. Entretanto, a percentagem destes casos deve ser relativamente pequena, comparativamente ao número dos atacados. Este facto julgamos nós ser devido ao admirável e doce clima do Algarve. Temos atribuído neste jornal a maior parte dos casos fatais a três fatores: 1. A insuficiência da alimentação (maior número); 2. Descuido dos doentes que se levantam antes de estarem completamente curados (...); 3. A falta de assistência médica (...). Numa das enfermarias dos hospitais de Lisboa, de 121 casos de gripe pneumónica salvaram-se oitenta, o que prova que a gripe pneumónica é curável (...). Pelas razões expostas, não há que ter grande receio da doença, tanto mais quanto é certo que os casos de gripe são atualmente raríssimos em Faro. |
| 8 de dezembro de 1918 | Atualidades (p. 1) | Entre as causas da morte pela gripe pneumónica esqueceu-nos mencionar o abuso das sangrias (...). Sangrar (...) doentes que no geral sofrem de astenia cardíaca é provocar-lhes a morte ou retardar-lhes a convalescença. A gripe pneumónica pode ter no Algarve um carácter muito diferente da de Lisboa (...). Os que fazem clínica no Algarve são os únicos que estão aptos sobre o prognóstico das doenças algarvias. |
| 8 de dezembro de 1918 | Atualidades (p. 1) | É indispensável notar-se que o médico e a sua família não vivem do ar. Precisam de dinheiro para sustentar a sua família com decência e honestidade (...). Um médico que só pode fazer quarenta visitas por dia e vê-se na dura necessidade de observar oitenta ou cem para não matar a sua família de fome (...) não vê nenhum convenientemente. Nem ficam servidos os ricos nem (...) os pobres. |

Fonte: elaboração própria.

Da análise e interpretação das sequências discursivas vertidas na tabela 3 extraem-se as seguintes ideias:

1. Os enquadramentos propostos para a leitura da situação aos leitores coevos são até certo ponto contraditórios e esquizofrénicos. Em *O Algarve*, tanto se releva a mortalidade e se acentua a gravidade da doença (o Algarve foi das regiões mais atingidas pela gripe pneumónica em Portugal), sobretudo fora de Faro, como se exagera na apreciação da sua relativa benignidade na capital da província. Entre as sequências discursivas que, em termos de enquadramento, destacam a gravidade da doença, contam-se, por exemplo, as seguintes; “Os lutos da guerra são muito benignos perante os lutos da gripe pneumónica.”; “De agosto para cá nova onda rola sobre o país (...), uma epidemia secundária (...) com lesões pulmonares de relativa malignidade”; “Lavra com grande

intensidade (...) a epidemia de gripe pneumónica”; “A gravidade desta doença é grande e tem vitimado milhares de pessoas no país”; “Nos campos (...) o terrível mal continua a fazer muitas vítimas”; ““O Algarve em nada foi poupado”; e “Estamos na máxima travessia de uma epidemia que nos sobressalta”.

Contraditoriamente, também se encontram sequências discursivas que negam gravidade à doença, especialmente quando se referem à cidade de Faro, por exemplo: “Em Faro, até hoje, ainda não se registou nenhum caso de broncopneumonia”; “A gripe broncopneumónica (...) tem (...) decrescido (...)”; “a epidemia nesta cidade é relativamente benigna”; “Continua a decrescer nesta cidade a influenza pneumónica, sendo de maior benignidade os casos novos”; “parece ter amansado e tende a desaparecer com a mesma velocidade rápida da sua incursão”; “não há que ter grande receio da doença, tanto mais quanto é certo que os casos de gripe são atualmente raríssimos em Faro”; e “A gripe epidémica com forma pneumónica não tem, no Algarve, a gravidade que se lhe atribui”.

Portugal, ao tempo, estava confrontado com o que se chamava a “crise de subsistências”, uma falta geral de bens de consumo alimentar agravada pela carestia de vida. Portanto, também se notou numa sequência discursiva a necessidade de balancear, relativizando a doença, a fome (mais pesada) com a pandemia (menos pesada): “A fome faz mais vítimas do que a doença.”.

2. Nota-se em várias sequências discursivas a intenção pedagógica de explicar a doença, contextualizá-la, apresentar medidas profiláticas e terapêuticas: “A gripe ataca de preferência os adolescentes e os adultos novos”; “Não dispõe ainda a ciência de profilaxia específica ou especial contra contágio tão difusivo, mas subsistem as normas da higiene moral — a beneficiação e a desinfecção. (...) O isolamento está indicado sobretudo nas formas pulmonares. Evitem-se (...) aglomerações e contactos. Como profilaxia individual, (...) gargarejos mentolados ou salgados.”; “Quanto ao tratamento (...): cama, suadores, cloridrato de quinina (...), antipirina (...), vinho de quina (...), tintura de kola (...)”; “Relativamente ao tratamento, é unânime o acordo sobre a não existência de qualquer tratamento específico, empregando todos tratamento sintomático”; “Temos atribuído (...) a maior parte dos casos fatais a três fatores: 1. A insuficiência da alimentação (maior número); 2. Descuido dos doentes que se levantam antes de estarem completamente curados (...); 3. A falta de assistência médica”; e “Entre as causas da morte pela gripe pneumónica esqueceu-nos mencionar o abuso das sangrias”. Curiosamente, por vezes a forma de atacar a epidemia, ontem como hoje, suscita polémica: “Parece-nos que as feiras devem ser proibidas, mas os animatógrafos não.”.

3. Reforça-se a ideia de que a doença é “democrática”, atingindo todos por igual: “O Algarve em nada foi poupado e nas famílias algarvias, em todas as classes, há falta de pessoas. (...) Nem os mais categorizados (...) têm sido poupados.”.

4. Numa peça em particular de comentário conjuga-se a doença, a falta de bens alimentares e a carestia de vida para se evidenciar a crise, da qual os políticos pareciam arredados: “O que não podemos é continuar neste criminoso abandono esperando de quem competir as mais urgentes providências”; “Escreve-nos um nosso assinante estranhando que as ruas da cidade não sejam regadas amiúde (...) com água salgada (...). Também um nosso leitor lamenta que os bairros habitados por gente pobre não sejam diariamente desinfetados (...)”; “A fome faz mais vítimas do que a doença. (...) Há lares quase extintos por completo e a orfandade é grande. (...) Nos cemitérios, os mortos empilham-se (...). O pavor não pode ser maior. O trabalho acha-se paralisado (...). No mar (...) faltam braços para a faina (...). Tudo muito reduzido e com a redução produtiva, a carestia (...). E no meio desta confusão e depauperamento *é um tumultuar de declinação de responsabilidades*”. [itálico e negrito nossos].

5. Os médicos, constantemente elogiados no discurso de *O Algarve*, emergem da narrativa como os heróis mitificados em contexto de pandemia, podendo-se traçar um paralelo com a mitificada heroicidade dos profissionais de saúde durante a crise de Covid: “Os médicos (...) têm aguentado (...) um serviço pesadíssimo;” “É indispensável notar-se que o médico e a sua família não vivem do ar. Precisam de dinheiro para sustentar a sua família com decência e honestidade (...). Um médico que só pode fazer quarenta visitas por dia e vê-se na dura necessidade de observar oitenta ou cem para não matar a sua família de fome (...) não vê nenhum convenientemente. Nem ficam servidos os ricos nem (...) os pobres”. Em especial, os médicos do Algarve emergem como a autoridade final: “Os que fazem clínica no Algarve são os únicos que estão aptos sobre o prognóstico das doenças algarvias”. Os bombeiros são referidos uma vez: “A corporação de Bombeiros Voluntários (...) resolveu humanitariamente auxiliar a combater o terrível mal”.

6. As elites estão sempre presentes no discurso e a sua ação é, igualmente, enquadrada positivamente: “realizou-se em Faro uma reunião das Senhoras da Caridade [para] (...) alargarem (...) a sua ação durante a pandemia”; “Têm continuado a desenvolver a sua ação (...) as oito comissões de senhoras que tomaram a seu cargo a assistência aos epidemiados”. Os agentes de poder, especificamente, aparecem fazendo uso dele, legitimando-se, assim, discursivamente, a sua ação perlocutória: “O Sr. governador civil proibiu a romaria aos cemitérios”.

7. Há uma intenção moralista em certas passagens: “Um juiz de direito telegrafou ao Sr. Secretário de Estado da Justiça pedindo autorização para se ausentar temporariamente do seu posto, visto grassar intensamente a gripe pneumónica na sede da comarca. Parece que a resposta foi que deixava à consciência do magistrado a resolução a tomar, por isso que, quando exerceu a magistratura na Índia por ocasião das mais graves epidemias *nunca abandonou o seu lugar*” [itálico e negrito nossos].

O Comércio do Porto

O Comércio do Porto foi lançado em 2 de junho de 1854, com o apoio da Associação Comercial do Porto e teve como linha editorial dominante os temas relacionados com a atividade comercial e a burguesia portuense, bem como o desenvolvimento económico, em particular no norte do país. Esta orientação estava ainda presente em 1918, sendo visível nos conteúdos noticiosos, mas também nos anúncios, que ocupavam o jornal logo desde a segunda página. Em 1918 o *Comércio* era já dirigido por Bento Carqueja que acabaria por herdar o jornal, num processo sucessório, e seria o impulsionador da sua modernização. O *Comércio do Porto* era um diário generalista de implantação local e regional, mas editorialmente pode ser entendido como um diário nacional, já que a sua estratégia noticiosa abrangia o país, a política, economia e o internacional. Os públicos e a rede de distribuição estavam claramente ligados a entidades administrativas e agentes económicos, o que acaba por ser visível nas notícias sobre a pandemia e a forma como chegam à redação do jornal.



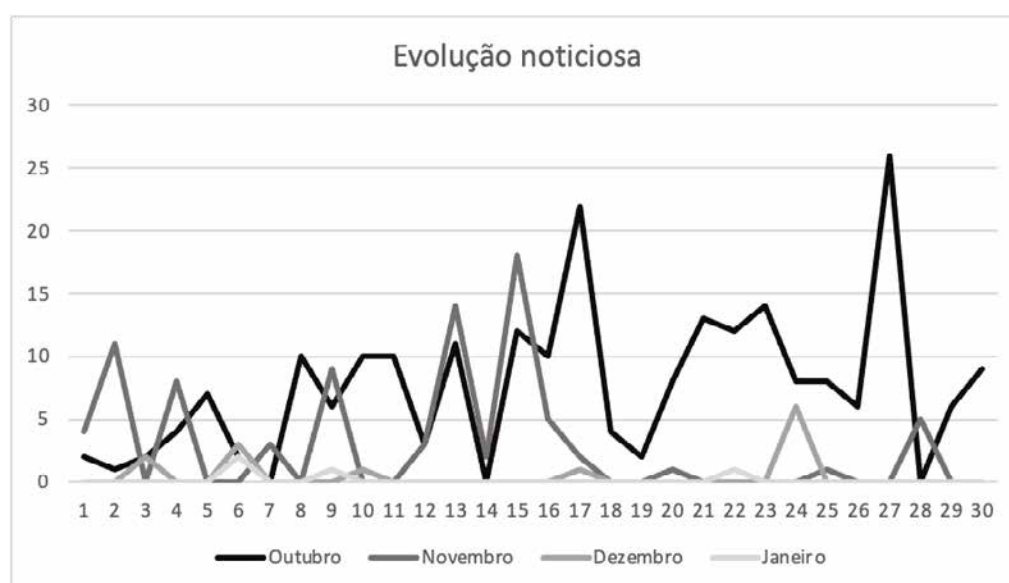
Figura 12
1ª página de *O Comércio do Porto*,
15 de outubro de 1918. Fonte:
reprodução do original.

A cobertura noticiosa da pandemia evidencia também pouca profissionalização e adivia-se a falta de repórteres. Não há cobertura das notícias *in loco*, estas são enviadas e o Porto, sendo a sede do jornal, tem pouco significado no volume total de notícias e para a pandemia não há cobertura de acontecimentos locais.

A análise de O Comércio do Porto é feita a partir do repositório do Arquivo Municipal de Gaia, durante os meses de outubro de 1918 a janeiro de 1919, mas a coleção não está completa falhando alguns números, ao longo do período. Foram recolhidos 391 artigos que tratam a pandemia, embora alguns não seja exatamente notícias.

Gráfico 3

Notícias por mês, de outubro de 1918 a janeiro de 1919 (*O Comércio do Porto*).



Fonte: elaboração própria.

De acordo com o gráfico 3 é possível ver a escalada de notícias no mês de outubro, que apresenta os números mais altos, uma grande incidência ainda em novembro e o declínio de dezembro, a terminar com apenas quatro notícias em janeiro. Os números de notícias acompanham, evidentemente, a evolução da pandemia, correspondendo ao modelo proposto por Adelman e Verbrugge (2004).

Para Traquina (2002, p. 51), e num estudo sobre as notícias relativas sobre o VIH/ SIDA, o modelo de análise envolve os conceitos de agendamento a notícia como narrativa e construção e o campo jornalístico e profissionalismo. Este marco teórico pode ser aplicado ao estudo em causa, parcialmente. O agendamento noticioso do Comércio aborda três temáticas essenciais: a Grande Guerra, a instabilidade política e a pandemia. Quanto à notícia como narrativa, este constituiu o principal eixo de análise, na medida em que é o mais perceptível,

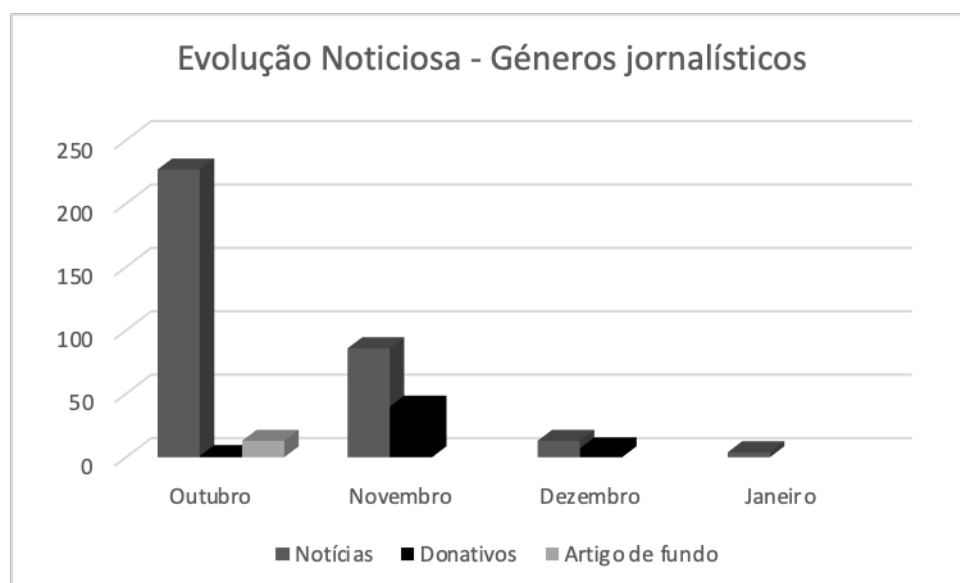
dada a distância temporal. A relação entre o campo jornalístico e a profissionalização aplica-se parcialmente, na medida em que as notícias não revelam essa característica, já que o estudo se reporta a uma época em que o jornalismo como profissão dava ainda os primeiros passos. Nas categorizações seguintes, procuramos seguir igualmente parte do modelo proposto por Traquina (2002), embora salvaguardando a diferença da cobertura jornalística própria do início do século XX e não estar aqui em causa uma análise comparativa. Assim, foram excluídos a autoria, uma vez que nenhuma notícia é assinada, bem como a localização geográfica, já que não estamos perante um estudo comparado. A orientação para o evento e as categorias usadas por Rogers, Dearing e Chang também não se aplicam. São considerados os géneros jornalísticos detetados no período (notícia, artigo de fundo, lista de donativos e outros); a proeminência do item noticioso (primeira página, outra); e o enfoque (aqui designado como secções) (Traquina, 2002, p. 51).

A categorização dos géneros jornalísticos divide-se em artigo de fundo, notícia, e lista de donativos, sendo que as denominações próprias do jornal são muito variáveis. Procurou-se também inserir as notícias em grupos temáticos ou as atuais secções ou editoriais, tendo em consideração as lógicas do comércio: Nacional, Internacional, Lisboa, Porto, Influenza pneumónica, Outros. A influenza pneumónica podia ter diferentes designações, enquanto que. Outros se refere a editais ou comunicados do governo.

Os géneros jornalísticos distribuem-se da maneira indicada no gráfico 4.

Gráfico 4

Categorização por Géneros jornalísticos: *O Comércio do Porto*, de outubro de 1918 a janeiro de 1919.



Fonte: elaboração própria.

Nos géneros jornalísticos as notícias são predominantes, com 382 casos, como era expectável. As notícias são muito diversas e inserem-se sob títulos de denominação variável. A dimensão das notícias é também muito diferente, sendo muitas delas constituídas por um parágrafo, mas podiam ocupar grande espaço e incluir uma miscelânea de informação. As notícias podiam ser relativas evolução da pandemia, medidas sanitárias ou outras das autoridades de saúde ou governo, mas também de divulgação científica.

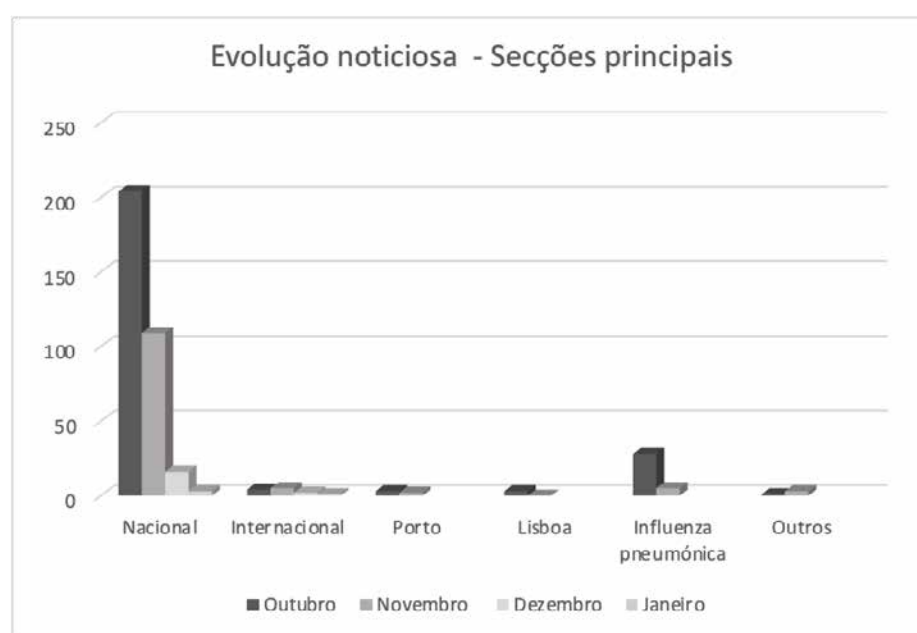
A Lista de donativos era também variável. Começou com ações de solidariedade do Diário de Notícias para com os pobres afetados pela pandemia, mas acabou por englobar outros donativos com outros fins.

Com um tema tão avassalador como foi a gripe pneumónica, o Comércio dedicou-lhe apenas um artigo de fundo.

Na categorização segundo secções podemos detetar os casos sistematizados no gráfico 5.

Gráfico 5

Categorização por secções: *O Comércio do Porto*, de outubro de 1918 a janeiro de 1919.



Fonte: elaboração própria.

Inicialmente, parte destas notícias estava na rubrica “Arredores” e podia incluir informação camarária, feiras ou outras e continuava com notícias da pandemia naquele local. Quando a informação passou a ser mais significativa, a rubrica passou a chamar-se “Gripe”. As notícias de Nacional são os casos verificados em maior número e remetem, normalmente, para relatos do comportamento da pandemia e consequências em localidades, sendo publicadas com um a três dias de diferença de atualidade. Em internacional podem ler-se notícias

de informação científica, relatos da pandemia noutros países, a partir de correspondentes do jornal ou não. As notícias de Lisboa relacionam-se com a mortalidade e medidas sanitárias, sendo a mesma lógica para o Porto. A secção Influenza Pneumónica reporta medidas de saúde pública ou decisões do governo como o fecho das feiras, distribuição de medicamentos, etc.. Em Outros foram identificados editais do governo e legislação, sem intervenção dos redatores. O comércio do Porto, tal como a Lustração Portuguesa, incluía, quase diariamente, obituários e em grande número. Era manifestamente, uma secção de grande importância para o jornal, quer pelo número, quer pelo cuidado no texto de homenagem às pessoas falecidas, contudo, não é possível determinar, através da leitura se havia uma causalidade entre a morte noticiada e a pandemia.

A distribuição das notícias pelo espaço do jornal dá também uma perspetiva de como o valor-notícia e a proeminência do tema evolui ao longo dos quatro meses em análise, como é patente no gráfico 6.

Gráfico 6

Proeminência: O Comércio do Porto, de outubro de 1918 a janeiro de 1919.



Fonte: elaboração própria.

No mês de outubro há uma clara maioria de notícias na primeira página, contudo, esta tendência é mais acentuada a partir da segunda semana, coincidindo com o aumento das notícias sobre a evolução da doença no país. Em novembro há um maior equilíbrio e muitos itens assinalados na capa são da categoria lista de donativos, o que é válido também para dezembro. Janeiro revela pelo número (apenas quatro itens), mas também pela colocação, que o tema perdeu proeminência.

Como já foi referido para as publicações anteriores, o agendamento da pandemia não deve ser tirado de contexto dos outros dois grandes temas noticiosos e da censura. Este aspeto é patente sobretudo nas primeiras páginas que apresentavam espaços em branco, correspondendo a cortes censórios. Esta prática corresponde ao aumento da instabilidade política, com referências a protestos e insurreições em quarteis, de que o jornal vai dando notícia. Os cortes aplicaram-se também, apenas numa edição, às notícias sobre a pandemia:



Figura 13

Cortes nas notícias sobre a epidemia.

Fonte: *O Comércio do Porto*, 31 de outubro de 1918,

A partir de 8 dezembro, as notícias serão marcadas por um primeiro atentado ao presidente da república e nos dias 12 a 16 de dezembro, o jornal não dá notícias sobre a gripe. A primeira notícia sobre a morte de Sidónio Pais só sai a 17 de dezembro, mas o jornal publica um suplemento especial, a 18, há um claro desfasamento na atualidade, mas este pode ter como explicação os mecanismos de censura. Em todos os números seguintes e até ao final do mês, a agenda é marcada pela morte do presidente e o tema estende-se pelo mês de janeiro. Em paralelo, a epidemia tinha diminuído a sua intensidade, o que leva também a perda de proeminência. Embora o agravamento ou melhorias na situação da pandemia fossem, tal como no *Algarve*, alternadas, a partir de meados de novembro, grande parte das notícias falam em melhorias na maior parte das zonas afetadas. O agendamento vai revelando estes comportamentos da doença, mas também das temáticas da política ou da guerra. Em janeiro o número escasso de notícias evidencia o fim desta segunda vaga. *O Comércio do Porto* será

ainda marcado pelo golpe militar que levou à implantação da Monarquia do Norte. Também neste caso houve um suplemento especial, tal como havia acontecido no período anterior, hoje jornal teve vários cortes censórios, agora com uma intenção política diversa.



Figura 14
Suplemento sobre a proclamação da Monarquia do Norte. Fonte: Suplemento ao *Comércio do Porto*, de 20 de janeiro de 1919.

Do ponto de vista dos enquadramentos discursivos, há algumas semelhanças com as publicações anteriormente analisadas, mas também algumas especificidades. Nas notícias sobre a gripe, a denominação mais comum é gripe ou influenza, ou gripe ou influenza pneumónica e só ocasionalmente se aplica gripe espanhola, sendo que é mais comumente usado nas notícias de Internacional. As notícias da evolução da pandemia, ao contrário de *O Algarve*, são muito adjetivadas e os termos têm forte carga emotiva: “flagelo”, “pavoroso”, “terrível” “agravos de malignidade” são alguns dos recursos narrativos para desrever os efeitos locais da doença, sendo que há repetição de expressões, o que pode indicar que seria o mesmo redator a escrever notícias cuja informação provem de diferentes localidades. Outros enquadramentos remetem para a dimensão e impotência das autoridades e populações: “epidemia reinante”, “a epidemia recrudescer aqui assustadoramente”, “tem-se difundido de modo aterrador” ou representações semelhantes fazem o retrato da evolução da pneumónica no país.

Outra das semelhanças de enquadramentos discursivos são os elogios a autoridades locais e aos médicos, embora neste caso as construções frásicas não sejam tão elaboradas como em *O Algarve*. Por outro lado, também são as autoridades locais que dão conta da insuficiência de meios para conter a pandemia e são recorrentes os pedidos de hospitais, pessoal médico e açúcar. Por último, uma curiosidade que remete para um enquadramento discursivo atual, e identificada a 24 de outubro: “(...) mas, se em Portugal a epidemia tem alastrado, no estrangeiro os seus efeitos têm sido bem mais terríveis (...)” (*Comércio do Porto*, 25 de outubro, 1818, p. 1).

Por último, os enquadramentos das medidas sanitárias e meios de saúde têm também pontos em comum com a atualidade: a proibição das feiras e ajuntamentos, as celebrações religiosas, a escassez de camas e pessoal médico, o fecho do ensino e transportes públicos sobrelotados são alguns dos exemplos detetados.

Considerações finais

A Gripe Pneumónica de 1918-1919 é considerada um tema de grande valor-notícia, pelos impactos que teve em termos de mortalidade e consequências na vida das pessoas. Contudo, a análise das duas publicações semanais *Ilustração Portuguesa* e *Algarve* e do diário *O Comércio do Porto* revelam disparidades nos processos de agendamento e abordagem noticiosa. Estas disparidades estão em parte relacionadas com os perfis editoriais de cada uma das publicações, mas podem também ser explicadas pelos contextos de atualidade nacional e internacional vividas na época, bem como pelas restrições impostas pela censura.

Dos casos em estudo, a *Ilustração Portuguesa* parece ter conferido pouca relevância a este tema para o período em análise, dada a escassez de casos encontrados e a falta de artigos específicos dedicados à pneumónica. Os formatos e elementos discursivos reforçam a ideia de que a revista não tratou a epidemia como um dos seus temas preferenciais.

O semanário *Algarve* conferiu grande valor-notícia ao tema da gripe pneumónica, quer pela inclusão na primeira página das notícias, quer pelo número. A razão da relevância dada ao tema pode ser explicada pelos impactos que a doença teve na região, mas também pelo próprio perfil editorial do jornal, de carácter generalista. Como foi referido, em termos de formatos, o jornal inclui notícias e crónicas, onde os elementos discursivos têm duas linhas essenciais, objetividade dos termos usados, quase despojados de dramatismo, e o modelo elogioso para a classe médica e autoridades, na forma como enfrentaram a doença.

O Comércio do Porto, por ser diário e generalista, tem, das três publicações, a abordagem noticiosa mais típica segundo os modelos enunciados na conceptualização teórica. Em termos de formatos a categoria “notícia” é dominante, há atualidade nos temas tratados e, apesar da concorrência das outras grandes temáticas do agendamento e dos cortes da censura, o

jornal desenvolve um grande espaço informativo dedicado à pandemia. Os elementos narrativos são variáveis, alguns coincidentes com os detetados em *O Algarve*, mas existe uma clara dramatização de certos elementos discursivos, que procuram retratar a grandeza do problema, mas também as dificuldades e impotência vividas pelas populações do país. As temáticas encontradas nas notícias e nas diferentes secções estão muito próximas das que estão atualmente presentes na agenda, nomeadamente, medidas sanitárias, infraestruturas de saúde, falta de meios, profilaxia, informação científica, etc..

Em todas as publicações as temáticas da política nacional e a censura parecem ter influído na forma como se desenvolveu o agendamento da gripe pneumónica, neste período de 1918-1919, com particular destaque para o assassinato de Sidónio Pais.

Referências bibliográficas

- Adelman, R. C., & Verbrugge, L. M. (2000). Death makes news: The social impact of disease on newspaper coverage. *Journal of Health and Social Behavior*, 41(3), 347-367.
- Almeida, M. A. P. (2014). As epidemias nas notícias em Portugal: cólera, peste, tifo, gripe e varíola, 1854-1918. *História, Ciências, Saúde*, 21(2), 687-708. <https://doi.org/10.1590/S0104-59702014000200012>
- Goffman, E. (1974). *Frame analysis: An essay on the organization of experience*. Harvard University Press.
- Golding P. & Elliott P. (1988). News values and news production. In P. Marris & S. Thornham (Eds.), *Media studies: a reader* (pp.). Edinburgh University Press.
- Jorge, R. (1918). *A Influenza. Nova incursão peninsular. Relatório apresentado ao Conselho Superior de Higiene, em sessão de 18 de Junho de 1918*. Imprensa Nacional.
- Nunes, B., Silva, S., Rodrigues, A., Roquette, R., Batista, I. & Rebelo-de-Andrade, H. (2018). The 1918-1919 Influenza Pandemic in Portugal: A regional analysis of death impact. *American Journal of Epidemiology*, 187(12), 2541-2549. <https://doi.org/10.1093/aje/kwy164>
- Sequeira, A. (2001). A pneumónica. Spanish influenza. *Medicina Interna*, 8(1), 49-55. https://spmi.pt/revisita/volo8/ch7_v8n1jan2001.pdf
- Smith, K., Rimal, R.N., Sandberg, H., Storey, J.D., Lagasse, L.P., Maulsby, C., Rhoades, E., Barnett, D.J., Omer, S.B. & Links, J.M. (2012). Understanding newsworthiness of an emerging pandemic: International newspaper coverage of the H1N1 outbreak. *Influenza and other Respiratory Viruses*, 7(5), 847-853. <https://doi.org/10.1111/irv.12073>
- Sobral, J. M. & Lima, M. L. (2018). A epidemia da pneumónica em Portugal no seu tempo histórico. *Ler História*, (73), 45-66. <https://doi.org/10.4000/lerhistoria.4036>
- Traquina, N. (2002). Uma comunidade interpretativa transnacional: a tribo jornalística. *Media & Jornalismo*, 1(1), 45-64.